

PSICANÁLISE E ADOÇÃO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO

Thaís Spall Chaxim (thaischaxim@hotmail.com); Prof. Dr. Jerto Cardoso da Silva (jerto@unisc.br).

Resumo: O estudo aborda as marcas originárias, desde a constituição do psiquismo humano em crianças que são adotadas e faz referência ao caso clínico em que as associações transferenciais revelam a possibilidade de retranscrição da história do paciente. É discutido principalmente o lugar da criança, que por encontrar-se em momento de extrema fragilidade, expressa-se pela necessidade de sobrevivência; mas também o lugar do adulto, que por desejar a adoção, expressa-se pela ansiedade e expectativa de que seus objetivos sejam atendidos. O abandono é também abordado no trabalho com relevância, pois causa grande impacto no desenvolvimento emocional da criança, uma vez que as primeiras inscrições deixam marcas significativas no desenvolvimento psíquico dos seres humanos. Serão, ainda, explanadas possibilidades de reparação ou transformação dessas marcas através da psicoterapia.

Palavras-chave: adoção; psicanálise; psicologia; clínica.

Introdução

No decorrer da história até a atualidade a adoção tem sido pensada de diferentes formas, no geral atendendo a interesses dos adultos, podendo ser carregada de preconceitos, associada à ideia de fracassos e problemas. Apesar dos avanços das legislações pertinentes ao tema, elas por si só não são suficientes para a construção de uma nova mentalidade na sociedade. Portanto, faz-se necessária uma ampla discussão, divulgação e políticas públicas consistentes que contribuam na construção de um novo olhar sobre a questão. No presente trabalho, serão expostas reflexões acerca da subjetividade presente no estudo psicossocial de um caso de adoção. Este estudo foi embasado na transcrição de atendimentos psicoterápicos realizados, no período de três meses, com um menino de seis anos em processo de adoção. O estudo aborda também as marcas originárias constitutivas da história dessa criança. Fazemos referência neste caso clínico as associações transferenciais que revelam a possibilidade de retranscrição e entendimento da história desse sujeito. Os elementos que fazem referência a formação psíquica e as manifestações sintomáticas estão relacionados a perda do objeto originário materno.

Objetivo

Apresentar um estudo de caso e relacioná-lo com estudos existentes na área da adoção. A explanação de possibilidades de reparação ou transformação dessa vivência é retratada a partir de algumas sessões de psicoterapia.

Metodologia

Para a realização deste estudo, foram realizadas sessões psicoterápicas, as quais foram transcritas e selecionadas as falas mais significativas sobre a temática deste estudo, amparando-se na teoria psicanalítica.

Resultado

O motivo da consulta é, segundo a avó paterna, o excesso de comportamento agressivo e a falta de diálogo, especialmente com a mesma. O menino revela resistência para se identificar com as normas e rotinas estabelecidas pela família. Se expressa de modo mais espontâneo na escola e em um projeto comunitário que faz parte, quando está entre colegas de aula. Durante o trabalho clínico, vai aos poucos falando das suas dificuldades. As falas sobre a adoção durante os atendimentos psicoterápicos evidenciam as primeiras inscrições vinculares deixadas nessa criança, nas tentativas relacionais com a figura materna. Essas marcas deixam no psiquismo desse sujeito influenciam na estruturação da sua personalidade. Ao remeter sobre a curiosidade e pesquisa sobre sua origem, pode ser dolorosa para a criança e seus pais adotivos, sendo por vezes inibida. Nem sempre as fantasias da criança em relação a todo este processo são expressas. Frequentemente são reprimidas, gerando inibições nas áreas importantes da personalidade, o que pode levar o adotado a arriscar repetidamente sua posição na família ou no mundo externo, realizando ações que representam uma identificação inconsciente com progenitores imaginados “maus” ou “sem valor”. (LEVINZON, 2000). Outro aspecto de grande importância que envolve a análise de crianças adotadas refere-se, segundo Levinzon (2004) a sua “hipersensibilidade a mudanças no enquadre analítico”. Trocas de horários, mudanças no local de atendimento ou na rotina estabelecida, muitas vezes foram responsáveis por momentos de grande turbulência mental. Nesse ponto, a criança sentiu como se nunca mais fosse encontrar a terapeuta que estabeleceu um vínculo importante. Após a adoção, parece haver persistência de dificuldades, em domínios como o desenvolvimento sócio-emocional e o desempenho escolar. Além disso, as experiências prévias parecem contribuir para uma maior probabilidade de ocorrência de determinados problemas em crianças adotadas, tais como comportamentos atípicos, comportamentos perturbados de apego e falta de atenção/sobreatividade. (BAPTISTA; SOARES; HENRIQUES, 2013). Medo, ódio e idealização são revividos com frequência pelo paciente, que parece não conter a angústia de fragmentação experimentada quando bebê. Na mesma intensidade em que manifesta seu apeço e apego ao trabalho desenvolvido nas sessões clínicas – como não querer ir embora -, expressa também rechaço diante das intervenções, conferindo, de modo persistente, a presença de um psicoterapeuta que possa suportar e conter a sua ansiedade. O abandono aos três anos de idade, a fragilidade nas relações objetais dos primeiros tempos de vida, a ausência da palavra que dá nome à sua pessoa através da função materna e paterna necessitam de uma reconstituição. Aos poucos João se autoriza a falar e reconstituir imagens dos objetos internos a partir das pessoas, espaços e objetos de suas relações. Sua persistência e assiduidade às sessões clínicas, as manifestações espontâneas enquanto joga, e as associações com situações do cotidiano parecem permitir a ele a reescritura da sua história. Desse modo, entendo que as

vivências posteriores, estabelecidas na relação com os pais adotivos, possibilitarão o agravamento, a manutenção e/ou a resignificação dessas primeiras vivências, de acordo com o tipo de vinculação que será estabelecido entre criança e pais adotivos. No atendimento psicoterápico desta criança, o vínculo com a avó passa a ser reconstruído de maneira positiva, sendo estabelecidas regras, trocas de diálogo e a possibilidade da criação de uma nova família, com conexões saudáveis.

Conclusão

É necessário que os pais e os filhos reconstruam histórias nessa família adotiva, a partir das histórias pregressas na qual estavam inseridos e através do diálogo com familiares, amigos e pessoas próximas, e acolham, a partir dos sentidos já construídos em outros momentos dessa história, a possibilidade da reinvenção de uma nova história. Caso contrário, possivelmente surgirão os segredos e silêncios em torno da filiação, favorecendo possíveis desenlaces psicopatológicos. Diante desse contexto, em alguns momentos, torna-se necessário o trabalho de orientação ou psicoterapia com crianças ou também pais adotivos, como medida profilática para o estabelecimento de uma dinâmica familiar balizada em alicerces sólidos e verdadeiros.

Referências

LEVINZON, Gina. Khafif. *A Criança Adotiva na Psicoterapia Psicanalítica*. São Paulo: Editora Escuta. 2000. LEVINZON, Gina, Khafif. *Adoção*. Casa do Psicólogo, São Paulo: Ed.Ltda. 2004.

Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=HHAINa44BjgC&oi=fnd&pg=PA11&dq=ado%C3%A7%C3%A3o+e+psicologia&ots=6t1wUDWEI&sig=gnj2TulhvzPgqoo0k0lweuIOvyI#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 01 set 2015.

BAPTISTA, Joana; SOARES, Isabel; HENRIQUES, Margarida. *Recuperação desenvolvimental após a adoção: características da criança e da família adotiva*. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n2/20.pdf>. Acesso em: 01 set. 2015.